
A CONDIÇÃO DE REFUGIADO E O EXERCÍCIO DA VOZ

Dionei Mathias¹

Resumo: O romance *Der fasche Inder* ('O indiano postiço) foi publicado em 2008 pelo escritor iraquiano Abbas Khider. Escrito em alemão por um autor de origem estrangeira, o texto pode ser considerado parte do corpus da literatura Chamisso, que vem criando um espaço para a voz de imigrantes na literatura de expressão alemã. O romance retrata as experiências de um refugiado que foge da perseguição e da violência no Iraque, passando por vários países até chegar à Alemanha. O objetivo deste artigo reside em discutir os processos inerentes ao exercício da voz, analisando a questão da violência, do pertencimento e da literatura como prática discursiva em que o protagonista pode desenvolver sua voz, sem as restrições impostas pelo espaço social.

Palavras-chave: Abbas Khider; *Der fasche Inder*; voz.

Abstract: The novel *Der falsche Inder* (*The Village Indian*, English translation in 2013) was published in 2008 by the Iraqi writer Abbas Khider. Written in German by an author of foreign origin, this text can be considered part of the corpus of so-called Chamisso literature, which has been creating a space for immigrants to express their voices in German language literature. This novel portrays the experiences of a refugee who flees from persecution and violence, crossing a lot of countries before arriving in Germany. The aim of this article is to discuss the processes inherent to the process of exercising a voice, analyzing the question of violence, of belonging and of literature as a discursive practice where the main character can develop its own voice, without the restrictions imposed by social space.

Keywords: Abbas Khider; *Der fasche Inder*; voice.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dioneimathias@gmail.com

INTRODUÇÃO

O vencedor do Prêmio Adelbert-von-Chamisso, prêmio concedido anualmente pela Fundação Robert Bosch a autores cuja língua materna não é o alemão, no ano de 2017 foi Abbas Khider. Khider nasceu em Bagdá, em 1973 e vive na Alemanha desde 2000. Oito anos após sua chegada, em 2008, publica seu primeiro romance em língua alemã: *Der falsche Inder* ('O indiano postiço'). O romance trata das experiências de um jovem iraquiano que foge da violência imposta aos dissidentes políticos em seu país. Após permanecer em vários países na Europa e no Norte da África, acaba tendo que ficar na Alemanha por questões burocráticas que envolvem refugiados. Por ter uma aparência física muito similar ao fenótipo indiano, muitos o tomam por tal, questionando inclusive sua origem iraquiana.

Muito antes das imagens de inúmeras levadas de refugiados se tornarem um produto midiático global, Khider aborda em seu romance uma experiência muito importante para o sujeito que se encontra na condição de refugiado: a busca por espaços em que possa articular sua voz em consonância com seus projetos de identidade e suas necessidades pessoais. Até encontrar esse espaço, os desafios são muitos: escapar da violência e da perseguição no lugar de origem, sobreviver as inúmeras dificuldades da travessia ou do deslocamento, legitimar a presença no novo local de residência e, por fim, exercitar a própria voz, de modo a impactar na formação discursiva que define as regras de interação entre os atores sociais de um determinado espaço de vida.

O que está em pauta, entre muitos outros aspectos, é uma configuração política que delinea as chances de cada sujeito para concretizar sua narração identitária de forma livre e autônoma e que define quais sujeitos podem dizer algo num determinado espaço. Isso vale tanto para o espaço inicial de socialização ou o país de origem como para o espaço de acolhimento ou país de destino. Em ambos os casos, acontecem processos de posicionamento entre os diversos interlocutores. Davies and Harré (1990, p. 48) escrevem: "In speaking and acting from a subjective position people are bringing to the particular situation their history as a subjective being, that is the history of one who has been in multiple positions and engaged in different forms of discourse".

Se entendermos o conceito de identidade como narrativa em torno de grandes eixos discursivos como profissão, cultura e intimidade (incluindo nesse último não só a identidade de gênero, mas também o pertencimento a diferentes círculos sociais), constataremos que o sujeito sempre precisará de um espaço ou um posicionamento nos diferentes microcosmos que configuram sua identidade, seja ele profissional, cultural ou íntimo. Isto é, o sujeito sempre fala e se insere em discursos pré-existentes a partir de um lugar. Esse posicionamento no espaço vai depender de uma série de fatores como recursos sociais, econômicos e culturais que podem ser aplicados e transformados, com objetivo de estabelecer ou potencializar as chances de fala no processo de formação discursiva. Nesse sentido, Hatoss (2012, p. 51) argumenta: "Through positioning, we can explore what voices are activated and what implicit meanings are carried which are beyond the immediate referential message of the text".

O lugar da fala, portanto, parece representar uma categoria bastante palpável para definir o modo como cada sujeito pode exercitar sua voz dentro de determinadas coordenadas

geográficas. Nesse sentido, da mesma forma que a construção de identidade sempre resulta de um árduo processo de negociação, também o exercício da voz está implicado numa constante queda de braço, em que sentidos são instaurados num ambiente hierarquizado. Ou seja, a participação da voz emitida por qualquer sujeito nos processos que decidem como um espaço social (em suas mais variadas formatações) deve funcionar não é automática, nem mesmo garantida. Em espaços caracterizados por uma cultura democrática madura e complexa, há certa preocupação com a inclusão e o empoderamento das mais diversas vozes que compõem um espaço social. Contudo, mesmo nessas raras ilhas que conseguiram criar uma estrutura de acolhimento da diversidade, a voz que destoa da norma nem sempre falará a partir de um lugar com poder de decisão sobre os processos de formação discursiva.

Justamente esse complexo sistema atrelado ao exercício da voz está no centro do romance escrito por Abbas Khider. Nesse sentido, esta análise pretende refletir sobre as chances e as estratégias de articulação do refugiado, a partir de seu posicionamento caracteristicamente transitório, em três diferentes situações: (1) a voz e a violência (2) o problema do pertencimento e, por fim, (3) a literatura como caminho alternativo para a consolidação da voz. Nesse processo de busca por um lugar de fala, deve ficar claro que em nenhuma coordenada a articulação pessoal se dá sem conflitos.

A VOZ E A VIOLÊNCIA

A materialização da voz em nenhum contexto é automática, pelo contrário, ela depende de uma negociação intensa, em que o sujeito precisa aprender e dominar as práticas discursivas, a fim de poder participar no processo de produção de sentidos e de tomada de decisão. Essa participação naturalmente é bastante dificultada, quando o contexto em que o sujeito circula é caracterizado por uma cultura de violência e de perseguição, especialmente porque o ato da violência, antes de mais nada, tem o objetivo de silenciar, neutralizar ou mesmo destruir a própria base corporal do sujeito.

Nesse sentido, é importante destacar que a voz não resulta somente de uma prática discursiva, ela é também o resultado de um corpo que exige recursos suficientes para alimentação, saúde e obtenção de afeto. Ou seja, não são somente os recursos culturais – necessários para a socialização no processo de participação e formação discursiva – que se revelam imprescindíveis, o sujeito necessita igualmente dos recursos econômicos para a manutenção do corpo e de recursos sociais para a construção de uma rede afetiva que lhe conceda a sensação de pertencimento e de autoestima para sentir-se digno de exercitar a voz.

A violência e a perseguição parecem minar esses três eixos em maior ou menor grau, uma vez que toda forma de violência tem efeitos profundos sobre a autoconcepção do sujeito, produzindo uma configuração anímica que de algum modo repercutirá sobre a produção de recursos nos três eixos essenciais para a construção de identidade e, com ela, também da voz própria. A vítima da violência, portanto, parece precisar criar estratégias de administração anímica que lhe permitam manter autonomia suficiente para acreditar em sua dignidade e seu direito ao prazer existencial, a despeito do intenso questionamento ine-

rente à tentativa de silenciamento ou destruição de seu corpo. Essas estratégias se revelam importantes em todas as fases da violência vivenciada pelo protagonista:

Para aumentar o medo do meu pai ainda mais, certo dia a polícia secreta iraquiana apareceu lá em casa. Um ano e meio e exatamente quatro dias de minha vida tive que passar na cadeia, depois disso, porque em algum lugar e algum momento juntamente com alguns amigos que trabalhavam para partidos proibidos eu falei mal do presidente e seu partido e ajudei esses amigos a distribuir panfletos (KHIDER, 2008, p. 28, todas as traduções são nossas).

Numa passagem anterior à citada, o narrador autodiegético relata como seu pai tinha queimado todos os seus livros, por conta do perigo que representavam para a família diante da criminalização da prática de leitura e escrita fora de contextos institucionalizados e previstos pelo Estado. Já nessa época o narrador, além de ler uma grande quantidade de textos, especialmente também textos proibidos, já começa a produzir produtos literários próprios. Desse modo, essa passagem parece ilustrar como os três eixos que formam a base da construção de identidade e da obtenção de voz são minados por imposições do Estado.

Isso começa com a fragilização das relações familiares, uma vez que o comportamento subversivo do filho põe em risco toda a família. Como o pai não está disposto a tolerar os desvios ideológicos do filho, isso produz uma situação que desestabiliza a rede afetiva e protetora fornecida pela família, o que resulta num enfraquecimento substancial do capital social que o protagonista tem à disposição para amortecer os impactos da lógica de exclusão e perseguição praticada pelos agentes estatais.

Além do capital social, também o capital cultural sofre perdas consideráveis, uma vez que a tentativa de destruição de livros ou de impedimento a seu acesso tem consequências para a formação e autoconcepção do protagonista. É por meio deles que, em sua identidade de escritor, ele obtém conhecimento não somente de práticas de estetização, mas também sobre importantes temáticas existenciais. Um ano e meio sem livros não significa somente não ter acesso ao prazer da leitura, isso implica igualmente que foi um ano sem acesso a novas ideias e novas formas de dizer no discurso literário.

Por fim, com a detenção e a proibição da escrita, também o desenvolvimento de seus recursos econômicos se encontra estagnado. Como escritor, não pode escrever, muito menos publicar e, mais importante que isso, não tem chances de exercitar o ato da escrita, da ficcionalização, da estetização. Com isso, ele perde a oportunidade de criar seu próprio estilo, aprofundar seus interesses ou conhecer suas limitações. No momento que o Estado fragiliza esses três eixos, ele também vulnerabiliza o futuro do sujeito. Nesse sentido, não é somente a voz política articulada nos panfletos que ele ajuda a distribuir que acaba sendo silenciada, é, sobretudo, sua própria voz que perde a base para desenvolver-se e alcançar maturidade.

As consequências da violência para a gênese da voz não se restringem ao impacto sobre a produção de recursos para a construção de identidade, elas se implantam no íntimo do sujeito, produzindo sentidos que permanecem instalados no crivo de apropriação de realidade:

Mas o que isso tudo significa? Todas essas guerras, rebeliões, catástrofes, provações desumanas da fuga, os destinos que determinaram minha vida? São somente acontecimentos isolados de uma interessante história interminável, à qual se coloca um ponto final como numa doença de criança? Ou fica algo diferente, algo indescritível e enigmático dentro da alma? Um cemitério de lembranças de um batalhão de pesadelos e mortos? [...] De novo e de novo esses rostos, não somente em meus sonhos. Rostos de parentes e amigos, vítimas da guerra, que perderam sua vida na prisão ou durante a fuga. Corpos sem fim, mais que cabelo na minha cabeça! Diversas vezes tentei falar com um psiquiatra sobre isso. Mas isso sempre terminava com uma caixa de comprimidos para me ajudar a dormir mais tranquilamente (KHIDER, 2008, p. 133).

Embora o narrador já se encontre num novo contexto social, onde desfruta de segurança e estabilidade, as marcas da violência não desaparecem. Pelo contrário, os sentidos produzidos em decorrência de atos de perseguição e exclusão se aninham no corpo do sujeito e se transformam em tessituras anímicas danificadas, a partir das quais surgem redes que retomam o princípio da dor. Além disso, há um excesso de informações e, sobretudo, imagens vinculadas à violência que precisam ser processadas, o que, no entanto, representa uma tarefa que está além das forças da voz narrativa. Apesar de distante, a violência permanece, produzindo efeitos que reduzem em muito potencial de satisfação existencial do sujeito. O único modo de reduzir a incisão de sua permanência é por meio da ingestão de medicamentos, com o objetivo de anestesiar a dor. Embora o tom da voz narrativa constantemente seja jocoso, isso não implica também um processamento da densidade semântica dos inúmeros acontecimentos. Esse tom parece, muito mais, indicar uma estratégia para amenizar a dor e reduzir seu poder sobre a condução de sua vida, especialmente no contexto da obtenção de prazer existencial. Contudo, a voz que surge em consequência dos sentidos produzidos pela violência, é uma voz perpassada pelas tentativas de silenciamento, em parte, também de destruição. Dada a incapacidade de livrar-se das marcas originadas pelas experiências do passado, o protagonista precisa encontrar formas de administração da dor e de reformulação da voz, levando em consideração sua condição específica.

O PROBLEMA DO PERTENCIMENTO

A formulação ou reformulação passa inevitavelmente pela lógica de pertencimento. Toda forma de pertencimento parece exigir do sujeito um posicionamento ou geográfico espacial ou ideológico acional. É a partir desse pertencimento que o sujeito encontra interlocutores que estão dispostos a aceitar, ao menos, a base de seu projeto de identidade. Com a aceitação inicial, a negociação de signos de identidade trilha por caminhos de adaptação mútua, sem a exigência de produção de sentidos que imponham uma ruptura no projeto pessoal. Isso não acontece quando o encontro entre dois interlocutores se dá no marco da rejeição. Para o protagonista, a negação de pertencimento e de aceitação já tem início antes de deixar sua terra de origem:

Em muitos também é assim, mas eu pareço tão diferente que as pessoas duvidavam da minha origem iraquiana. Em Bagdá, os vendedores de passagem no ônibus me abordavam várias vezes em inglês. Aí eu geralmente ria e respondia em gíria do sul do Iraque, no que me olhavam com perplexidade como se fosse um espírito. O mesmo me acontecia por vezes em controles policiais. Toda vez tinha que responder longas listas de perguntas (KHIDER, 2008, p. 14).

O elemento que causa o estranhamento inicial, impedindo a gênese de uma interação naturalmente interessada, é o biótipo do protagonista. Ao contrário dos outros atores sociais, ele se diferencia por ter uma aparência física que destoa da maioria, apresentando semelhanças físicas que sugerem uma origem indiana e não do Iraque. As confusões no ônibus ainda apresentam um elemento jocoso, sem grandes repercussões para sua concretização existencial no cotidiano. Isso muda completamente quando se vê confrontado com os policiais. Estes se utilizam do poder institucionalizado de que dispõem como representantes do Estado para uma série de perguntas, com o objetivo de constatar se o interrogado pertence ou não ao território cultural administrado por eles. Com isso, o pertencimento é estabelecido a partir de conhecimentos bastante específicos sobre uma típica socialização naquele espaço geográfico. Khider certamente critica, por meio da exposição dessas arbitrariedades questionáveis, as práticas de seu próprio país. Ao mesmo tempo, contudo, ele levanta questionamentos que valem igualmente para os países em que o autor como também seu personagem vão posteriormente viver. Trata-se dos princípios que regem a prática de inclusão e exclusão e, com isso, de pertencimento dos diferentes sujeitos que circulam num determinado espaço social. De certo modo, ele pergunta se essa prática deve estar pautada por conhecimentos específicos de uma socialização ou se não seria mais adequado verificar o que o sujeito tem a contribuir para o espaço em que habita.

Em todas essas situações, contudo, a voz do protagonista jamais perde seu tom jocoso, divertindo-se com os modos como cada um dos atores sociais se apropria da realidade. Nisso, ele não raramente assume uma voz subversiva que, por meio do riso inverte a estrutura do poder, ao mesmo, tempo abrandando o grau de seriedade implícito àquilo que tem a dizer:

Nos primeiros anos da minha terceira década de vida eu fugi do fogo interminável dos governantes e do sol impiedoso de sol de Bagdá. Meu caminho me conduziu por diferentes países. Vivi por algum tempo na África, sobretudo, na Líbia, de modo que muitas palavras da gíria libiana se misturaram à iraquiana. E isso já trouxe o próximo problema: eu fiquei algum tempo em Trípoli, onde encontrei alguns iraquianos num café no calçadão da praia. Quando me apresentei, retrucaram indignados: “Tá querendo fazer a gente de bobo, né? Você não é iraquiano! Tua aparência não combina com teu jeito de falar!” (KHIDER, 2008, p. 17).

Assim, ao utilizar expressões como “terceira década” e “sol impiedoso” ao lado “do fogo interminável dos governantes”, a voz narrativa justapõe informações que pertencem a diferentes níveis de seriedade. O caráter hiperbólico das duas primeiras expressões destoa do impacto que a segunda informação tem sobre a existência do protagonista, especialmen-

te se levarmos em consideração a violência reiteradamente sofrida por ele. Num segundo momento, quando relata a mescla de gírias com origens linguísticas diferentes, com a qual aborda seus compatriotas incrédulos, novamente o protagonista adota uma estratégia de desconstrução da seriedade, não somente por meio da “dessacralização” da língua de origem, mas também mediante a abordagem quase clownesca, atribuindo pouca importância a uma cultura de obediência e hierarquias. Como em sua terra natal, também no exílio seus compatriotas questionam seu pertencimento, impedindo um acesso fácil a práticas de aceitação. Importante nesse contexto, contudo, é a forma irreverente que trata do passado de perseguição (“fugi do fogo interminável dos governantes”) e do presente no exílio, em que novamente a inclusão acaba sendo negada. Por trás do riso, esconde-se uma verdade muito séria (BAKHTIN, 1987, p. 82).

As experiências vividas em casa e no exílio africano, repetem-se também na Alemanha, lugar onde sua odisseia terá um término. Nesse contexto, não pode esquecer-se que o autor escreve primariamente para o público alemão, já que escolheu o idioma daquele país para publicar seu texto. Parece, portanto, haver uma questão de recepção inerente ao texto que não pode ser ignorada. Quando a voz narrativa relata sua chegada à Alemanha, escreve o seguinte:

Deixei a Grécia com toda sua polícia e fugi para a Alemanha. Mas na Alemanha continuava exatamente o mesmo que na Grécia, só que de outro jeito. Por conta da diligência excessivamente zelosa da polícia alemã minha viagem ilegal teve um fim abrupto. E a saber no meio da Baviera. [...] Quando quis viajar de trem de Munique a Hamburgo e de lá pela Dinamarca para a Suécia, o trem parou na estação de uma pequena cidade chamada de Ansbach, onde dois policiais embarcaram. Eles não pediram a nenhum dos muitos viajantes loiros pelo documento de identificação, ao invés disso vieram diretamente a mim. Será que foi por causa da minha aparência indianda?

“Passport!”

Eu: “No!” (KHIDER, 2008, p. 20).

Se há alguma característica assustadoramente séria na cultura alemã, esse elemento provavelmente reside no trabalho da polícia, especialmente no que concerne ao controle de imigração. Isso não é diferente em outras nações, com uma cultura rigorosa de combate à imigração ilegal, como a Grã-Bretanha ou a França. O protagonista, contudo, no lugar de permitir que seja silenciado pela imposição do medo e da violência institucionalizada, ele repete, como durante suas estadas em outros países talvez menos intransigentes, o princípio do riso que subverte o poder da autoridade. Novamente é o estilo e a escolha de palavras que indicam o desejo subversivo da voz narrativa: “diligência excessivamente zelosa”, “fim abrupto”, a indicação da “viagem ilegal” e localização numa pequena cidade do interior. Ao mesmo tempo que as expressões revelam um tom jocoso, elas questionam a legitimação da imagem de autoridade inquestionável construída na sociedade alemã. O comportamento arbitrário na escolha das pessoas a serem controladas, por exemplo, revela um grau de arbitrariedade bastante próximo daquilo que vivenciou em seu país de origem e em outros

países pelos quais passou. No lugar da acusação e do grito de indignação, contudo, a voz narrativa opta por desconstruir o discurso da autoridade por meio do riso. Com isso um provável alvo de recepção reside no desejo de mostrar ao público leitor alemão muitas semelhanças com as outras culturas nas quais transitou, questionando a legitimação da polícia e da organização discursiva naquelas novas coordenadas de poder. A voz que vai surgindo ao longo do texto é uma voz definitivamente jocosa, muito próxima de um estilo pícaro, não muito diferente daquele que o leitor pode encontrar n’*O aventureiro Simplicissimus*, de Grimmelshausen.

A LITERATURA COMO CAMINHO ALTERNATIVO PARA A CONSOLIDAÇÃO

DA VOZ

Entre as solicitações de pertencimento recusadas e os produtos da violência instalados no crivo de percepção e apropriação de realidade, o caminho pelo qual o protagonista reiteradamente tenta embrenhar-se é a literatura. A escrita parece prometer-lhe mecanismos para assimilar aquilo que o acomete e instrumentos para transformar experiências, sensações e dor em tessituras esteticamente estruturadas. Contudo, na própria prática da escrita o protagonista reiteradamente se vê confrontado com a perda da voz:

Em Bagdá, onde nasci e cresci, tinha que esconder tudo. Durante o regime de Saddam Hussein uma única palavra podia ser motivo suficiente para perder a vida. Por isso anotava tudo que é coisa por meio de símbolos. Desenvolvi um alfabeto próprio, com letras latinas e árabes, desenhos e números, o que além de mim ninguém podia decodificar. [...] Hoje, porém, tenho o problema eu quase não consigo mais decifrar o alfabeto criado por mim. As chaves para os meus símbolos caíram por entre os buracos da minha memória e as portas para as anotações de então se encontram irrevogavelmente trancadas. Além de tudo isso, muitas páginas ficaram ilegíveis no decorrer dos anos e da fuga, pois eu já sempre tive o costume de escrever a lápis, o que ficou até hoje (KHIDER, 2008, p. 26).

Num primeiro momento a escrita se revela como caminho para expressar sensações e refletir sobre acontecimentos que não poderiam ser verbalizados no contexto de um regime totalitário, cujo poder se estabelece sobre a erradicação de toda e qualquer voz dissidente. Desse modo, a palavra escrita e a criação poética fornecem ao protagonista uma alternativa de liberdade, especialmente também um lugar de imaginação que não está subjugado às normas discursivas existentes naquele espaço. Essa liberdade de imaginação lhe permite experimentar papéis identitários e explorar limites estéticos e intelectuais, materializando por meio da escrita não somente testemunhos do presente, mas testando também possíveis imaginações de futuro. Ao contrário do regime totalitário que não permite imaginar projetos de identidade que não estejam em consonância com suas diretrizes de ação, a escrita abre um campo enorme de exercício imaginário, concedendo com isso ao protagonista a possibilidade de começar a formar uma voz própria.

Por meio do código secreto, o protagonista desbrava um espaço de autonomia intelectual, sem as intrusões do regime. Nisso, contudo ele não anteviu a especificidade da memória e do material utilizado para registrar suas ideias. Tanto a memória como o papel estão subjugados às leis da matéria, ou seja, trata-se de superfícies de inscrição com um alto grau de porosidade. Ao tentar conservar sua voz acreditando na memória e depositando seu conteúdo, em parte, na mídia papel, ele alimenta a esperança de manter sua voz para algum momento do futuro, com o fito de revisitar suas informações e reativar seu conteúdo. Contudo, a mesma voz que foi silenciada pelas condições políticas acaba sendo mais uma vez silenciada pelas práticas traiçoeiras do arquivamento. Essa mesma experiência volta a ser relatada durante sua fuga:

Quando voltei a mim, estava numa cadeia turca e sem minha mochila. Nela eu tinha algumas latinhas de conserva, meu pouco dinheiro de fuga e um caderno. Este me serviu por três anos de bloco de anotações para minhas ideias poéticas – três anos de poesia entre a Ásia e a África. Que perda! Às vezes, eu acredito que tudo que escrevo hoje nada mais é que aquilo que já tinha escrito então. É como se estivesse escrevendo o perdido novamente (KHIDER, 2008, p. 31).

Interessantemente, o protagonista não atribui importância à perda da comida e dos poucos recursos econômicos, ambos imprescindíveis para a continuação da sua fuga. Ao invés disso, é a perda do caderno com suas anotações poéticas o que mais o atribula. Essa perda só pode ser compreendida em toda sua dimensão, se ela estiver atrelada ao impacto em sua concepção existencial. Não se trata somente de anotações corriqueiras que poderiam ser facilmente substituídas. Elas parecem representar, por um lado, a matéria prima para a criação de textos literários, o que, portanto, está conectado a uma parte essencial de sua identidade e seu desenvolvimento pessoal. Por outro lado, essas anotações figuram como resquícios materializados da memória, ou seja, pontes que conduzem a experiências físicas e a paisagens anímicas que tiveram um papel central na formação do protagonista, especialmente para aquilo que compõe sua condição humana. A dor e o prazer experimentados nessa fase estão conservados nessas anotações e servem posteriormente como material para seu trabalho de escritor.

Por fim, a perda e a obtenção também são introduzidas na estruturação formal do romance. O texto inicia com uma voz narrativa encontrando um manuscrito esquecido num trem na Alemanha. Após esse episódio introdutório, o leitor tem acesso às lembranças de uma segunda voz narrativa, a voz do manuscrito e a voz analisada nas passagens acima. A primeira voz narrativa volta novamente ao final do romance, onde reitera ter encontrado o manuscrito, mas indicando desta vez que os acontecimentos narrados correspondem exatamente a suas experiências. Desse modo, o leitor acaba permanecendo incerto quanto à origem dos fatos narrados no universo diegético, ou seja, não sabe a quem atrelar as experiências narradas. Com efeito, a voz que surge dessa estruturação é uma voz que oscila entre duas instâncias narrativas, sem encontrar equilíbrio, e parece estar constantemente ameaçada de perder sua voz, pois por um lado o manuscrito corre o risco de perder-se, por outro lado, a voz mesma está fragilizada pela falta de um centro de enunciação.

Desse modo, a ficcionalização dos acontecimentos parece retratar tanto a fragilidade da voz como também o processo árduo e constantemente ameaçado de sua obtenção. Dentro da lógica diegética, o trabalho com o texto ficcional realizado pelo protagonista indica um esforço de alcançar um lugar de enunciação, sem o silenciamento do regime totalitário nem as ameaças da violência, um lugar de fala que possa conceder-lhe a sensação de pertencimento e que lhe permita interpretar a realidade a partir de sua visão de mundo. Ao mesmo tempo, esse esforço está consciente que a voz só obtém concretude e eficácia, quando ouvida, ou seja, não há impacto com potencial de modificação de realidade se não houver recepção e discussão das ideias articuladas. Nesse sentido, Silverstone (2001, p. 13) escreve:

For while there is a struggle to be waged to find a voice in global media space and then to secure it, the bottom line of this cultural, political, effort is the need to be heard. It is one thing, difficult though even this is, for the minority or the marginal to create and sustain such a presence: to be able to launch a newspaper, a television channel or a network of interlocutors on the Internet, it is quite another thing to be read, watched and listened to; quite another to make a difference, to do more than preach only to the converted or to connect only to the already connected. The economy of global media space is, above all and increasingly, an attention economy.

Com isso, Khider aborda um aspecto que não diz mais respeito diretamente a regimes totalitários que silenciam por meio da perseguição e da violência. Ele levanta um questionamento para as sociedades democráticas, nas quais a criação literária é possível e onde até mesmo a publicação não chega a significar uma grande dificuldade na era digital. Contudo, essas mesmas sociedades democráticas nem sempre garantem que a voz de grupos minoritários seja ouvida e que suas ideias e seus anseios adentrem a consciência pública e se transformem em políticas inovadoras. Esse desafio permanece. Toda voz só tem efeito, quando desencadeia um processo de recepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem a experiência de refugiado, nem as imagens do êxodo são fenômenos novos na história da humanidade. O que parece ser diferente é a forma como alguns desses refugiados se apropriam dos mecanismos de comunicação para alcançarem um espaço de enunciação e atenção. Khider escreve seu romance, em primeiro lugar, para o público de língua alemã, um espaço cultural que desde 1960 tem recebido um grande número de imigrantes, dentre eles também refugiados. Com isso, seu objetivo parece residir também num desejo de sensibilizar a sociedade em que circula sobre as experiências desestabilizadoras tanto no país de origem como no país de chegada, refletindo sobre barreiras na construção de identidade, dificuldades de inovação social e desafios para a obtenção de uma voz própria que possa inserir-se nas coordenadas, em que transita.

No romance analisado, Khider chama a atenção para as diversas formas de violência que impedem o refugiado de alcançar uma existência digna e em consonância com seus projetos pessoais, se não se submeter aos desmandos do Estado totalitário. Há um claro esforço de sensibilização para as políticas de exclusão, as restrições de pertencimento e as constantes perseguições que impossibilitam uma existência minimamente livre. Uma das estratégias que Khider utiliza para caracterizar seu protagonista está arraigada na linguagem subversiva e jocosa, que por meio da palavra provoca o riso e desconstrói estruturas de autoridade e obediência. No espaço literário, por fim, o autor encontra um lugar para seu protagonista, um lugar onde pode exercitar sua voz e mostrar a dificuldade de participação igualitária no processo de enunciação sobre a interpretação e construção de realidade. Nisso, ele indica a importância da recepção e da discussão de ideias que não surgem a partir dos grandes núcleos produtores de discursos, mas sim a voz da margem, que ainda se encontra no processo de familiarização com as regras discursivas. O romance mostra que o protagonista refugiado exercita sua voz, mas constata também que seu exercício não é suficiente. Para que o processo de comunicação se complete, a emissão da mensagem precisa de uma recepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- DAVIES, B.; HARRÉ R. "Positioning: The discursive production of selves". In: *Journal of the Theory of Social Behaviour*, n. 20, 1990, p. 43-63.
- HATOSS, Anikó. "Where Are You From? Identity Construction and Experiences of 'Othering' in the Narratives of Sudanese Refugee-Background Australians". In: *Discourse & Society: An International Journal for the Study of Discourse and Communication in Their Social, Political and Cultural Contexts*, vol. 23(1), 2012, p.47-68.
- KHIDER, Abbas. *Der falsche Inder*. Hamburg: Nautilus, 2008.
- SILVERSTONE, Roger. "Finding a Voice: Minorities, Media and the Global Commons". In: *Emergences*, vol.11(1), 2001, p.13-27.

